TÍTULO DO TRABALHO	
A LUTA PELA MORADIA NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO URBANA E AS POSSIBILIDADES DO PROCESSO EDUCATIVO	
AUTOR(ES)	**INSTITUIÇÃO**
Leonardo Debossan de Oliveira	UFMG

RESUMO

Este trabalho busca, no contexto da metrópole de Belo Horizonte, entender a luta pela moradia da Comunidade Eliana Silva como uma possibilidade para o processo educativo observando os fatores substanciais das atuações dos movimentos e entidades populares na luta pelo acesso às terras urbanas. A ocupação, localizada no bairro Vale do Jatobá, na capital mineira, é coordenada pelo Movimento de Luta de Bairros, Vilas e Favelas e teve seu início em abril de 2012 quando ocupou um terreno com aproximadamente 230 famílias. O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) formou-se em 1999, em Pernambuco por meio da articulação e centralidade do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Hoje está presente em treze estados do país, sendo atualmente um movimento nacional de luta pela reforma urbana e pelo direito à moradia digna. Diante do processo de luta encampado pela comunidade, este trabalho propõe uma investigação de como as práticas coletivas de luta e organização abrem possibilidades para o processo de formação política dos sujeitos ocupantes e quais os limites dessa formação, pois a luta dos movimentos socioterritoriais traz na contemporaneidade um grande desafio, além do processo de entrada e permanência na terra, ela carrega consigo o objetivo da tomada da consciência de classe. Essa pesquisa se justifica devido à importância de analisarmos as atuais práticas dos movimentos socioterritoriais com intuito de fornecer ferramentas e caminhos que os permitam avaliar suas atuações e preencher uma lacuna nas pesquisas acadêmicas, uma vez que são poucos os trabalhos a discutirem tal questão. Para a realização desta pesquisa será utilizado um referencial metodológico marxista através da dialética histórica materialista, empregando o método quanti-qualitativo proposto por Lefebvre no qual consiste em, antes de tudo, ver a vida como um movimento permanente, como um processo de provisoriedade, o que precisa ser contemplado na análise das formas e dos fenômenos sociais.

Palavras-chave: Movimentos Socioterritoriais; Processo Educativo; Dialética Histórica Materialista

A LUTA PELA MORADIA NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO URBANA E AS POSSIBILIDADES DO PROCESSO EDUCATIVO

Leonardo Debossan de Oliveira

RESUMO:

Este trabalho busca, no contexto da metrópole de Belo Horizonte, entender a luta pela moradia da Comunidade Eliana Silva como uma possibilidade para o processo educativo observando os fatores substanciais das atuações dos movimentos e entidades populares na luta pelo acesso às terras urbanas. A ocupação, localizada no bairro Vale do Jatobá, na capital mineira, é coordenada pelo Movimento de Luta de Bairros, Vilas e Favelas e teve seu início em abril de 2012 quando ocupou um terreno com aproximadamente 230 famílias. O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) formou-se em 1999, em Pernambuco por meio da articulação e centralidade do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Hoje está presente em treze estados do país, sendo atualmente um movimento nacional de luta pela reforma urbana e pelo direito à moradia digna. Diante do processo de luta encampado pela comunidade, este trabalho propõe uma investigação de como as práticas coletivas de luta e organização abrem possibilidades para o processo de formação política dos sujeitos ocupantes e quais os limites dessa formação, pois a luta dos movimentos socioterritoriais traz na contemporaneidade um grande desafio, além do processo de entrada e permanência na terra, ela carrega consigo o objetivo da tomada da consciência de classe. Essa pesquisa se justifica devido à importância de analisarmos as atuais práticas dos movimentos socioterritoriais com intuito de fornecer ferramentas e caminhos que os permitam avaliar suas atuações e preencher uma lacuna nas pesquisas acadêmicas, uma vez que são poucos os trabalhos a discutirem tal questão. Para a realização desta pesquisa será utilizado um referencial metodológico marxista através da dialética histórica materialista, empregando o método quanti-qualitativo proposto por Lefebvre no qual consiste em, antes de tudo, ver a vida como um movimento permanente, como um processo de provisoriedade, o que precisa ser contemplado na análise das formas e dos fenômenos sociais.

Palavras Chaves: Movimentos Socioterritoriais; Processo Educativo; Dialética Histórica Materialista

1 INTRODUÇÃO

Deparamo-nos na contemporaneidade com vários processos de lutas pela moradia no cenário belorizontino, a grande maioria deles liderados por entidades populares organizadas que, na luta pela terra, se expressam como movimentos socioterritoriais[1] (FERNANDES, 2000), como o Movimento de Luta em Bairros, Vilas e Favelas (MLB), as Brigadas Populares e o Movimento Luta Popular.Estas são lutas que objetivam a desconstrução do atual modelo de sociedade e que, para tanto, propõem novas concepções que remetem tanto à forma quanto ao conteúdo da cidade.

Este trabalho busca um melhor entendimento dos fatores substanciais das atuações dos movimentos e entidades populares no contexto da capital mineira na luta pelo acesso às terras urbanas, em espacial doMLB pela moradia na Comunidade Eliana Silva,propondo-se a compreender a luta como processo educativo e os limites e possibilidades da formação política dos sujeitos ocupantes.

A proposta de trabalho surge devido à participação do autor deste trabalho no processo de luta dessa comunidade, desde suas primeiras movimentações, contribuindo com o projeto de urbanização, com apoio político em diferentes espaços e diferentes momentos da luta, e nas (pelas)discussões para elaboração de um projeto pedagógico da escola da comunidade.Tal envolvimento se dá em razão da militância na Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Local Belo Horizonte (AGB-SLBH), entidade que historicamente procura contribuir com a luta e a resistência das ocupações em iminência de despejo (no caso da cidade-metrópole de Belo Horizonte, as comunidades Dandara, ZilahSpósito – Helena Greco, Camilo Torres – Irmã Doroth, Eliana Silva, Conjunto Bandeirantes, Rosa Leão, Vitória e Esperança).

O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) formou-se em 1999, em Pernambuco por meio da articulação e centralidade do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Hoje está presente em treze estados do país, sendo atualmente um movimento nacional de luta pela reforma urbana e pelo direito à moradia digna, tendo como principais objetivos democratizar a propriedade da terra e acabarcom a especulação imobiliária, mudar a forma de se produzir moradia popular e propriedade social da moradia e controlar os preços dos alugueis. Para tanto, trabalha-se na organização das famílias sem casa, ena luta pelo acesso às terras no espaço urbano. Nesse sentido,vale destacar o fundamental papel das entidades das organizações populares para articular e impulsionar a luta. Milton Santos (2000)

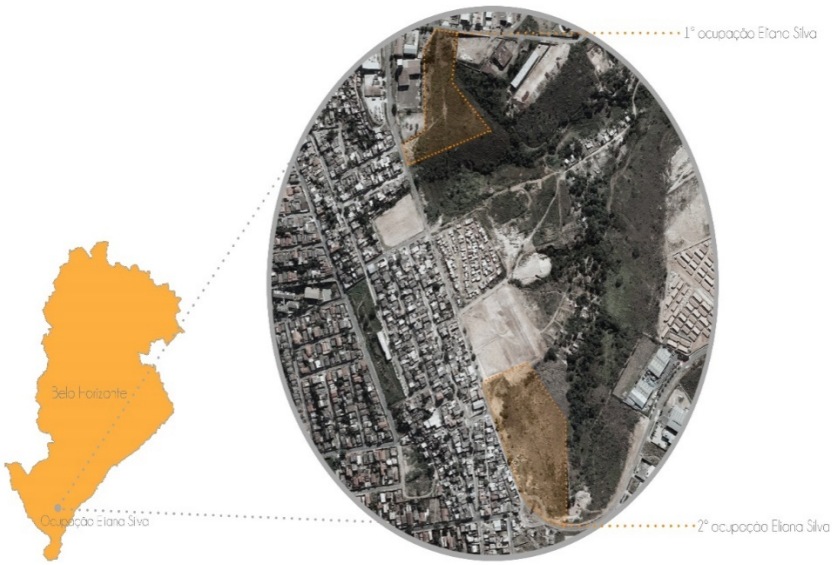
[1] Conceito trabalhado em *Movimento social como categoria geográfica*, de Bernardo Mançano Fernandes (2000)

afirma que “a organização é importante, como instrumento de agregação e multiplicação de etapas e para encontrar um novo patamar de resistência e luta.” (SANTOS, 2000,p. 134).

O Partido Comunista Revolucionário (PCR) foi criado em 1966 por militantes egressos do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). O núcleo inicial da formação do PCR foi constituído pelo já experiente líder camponês Amaro Luiz de Carvalho e pelos jovens Manoel Lisboa de Moura, Selma Bandeira, Valmir Costa e Ricardo Zarattini. Ainda. no ano de sua formação o PCR lança seu primeiro documento de formulação programática, a *Carta de 12 Pontos aos Comunistas Revolucionários*, onde defende a classe operária como vanguarda da revolução socialista brasileira e a ditadura do proletariado.

A comunidade Eliana Silva está localizada no bairro Vale do Jatobá, no município de Belo Horizonte – MG. Organizada pelo MLB, a comunidade realizou sua primeira ação direta em abril de 2012, quando ocupou um terreno com aproximadamente 230 famílias. Já na primeira semana, a comunidade conseguiu se estruturar com barracos de lona, cozinha comunitária e cadastro das famílias. Tal processo durou aproximadamente quatro semanas, quando a Polícia Militar de Minas Gerais, por ordem do governo do município de Belo Horizonte,realizou uma ação de reintegração de posse, fazendo uso de um grande aparato militar. As famílias se reorganizaram e, em agosto de 2012,realizaram uma nova ocupação com aproximadamente 250 famílias, que permanecem até os dias de hoje na luta pela regulamentação fundiária.

Localização da Ocupação Eliana Silva



Fonte:https://dialogoselianasilva.wordpress.com/2012/10/31/historia-da-comunidade-eliana-silva/

Tendo em vista as disputassocioterritoriais presentes em Belo Horizonte, procuramos o entendimento de como o processo de luta do MLB na Comunidade Eliana Silva se apresenta como um processo educativo, através de espaços e vivências e ações da/na comunidade, bem como as assembleias do movimento e as ações diretas, como ocupações de terras e espaços públicos, os atos públicos, os seminários temáticos propostos pelo movimento e rede de apoio, reuniões com outras entidades, audiências públicas. Nessa comunidade criou-se também espaços coletivos como a cozinha,a bibliotecacomunitária e a escola com projeto pedagógico elaborado pela comunidade e os mutirões de construção.

Tal processo possibilitaa formação de sujeitos ocupantes críticos, que acumulam experiências coletivas e contra hegemônica, objetivando um processo revolucionário amplo.Diante de tais possibilidades, pretendemos analisar seo processo de formação por meio de práticas coletivas de luta e organização ocorridas na comunidade conseguem extrapolar os limites da luta pela moradia, impulsionando os sujeitos ocupantes que exercem quadros de lideranças para a tomada de consciência de classe(CAMPOS,2012, WELMOVICKI, 2008)[2].

Este trabalho se justifica pela relevância de analisarmos e avaliarmos as formas de atuação dos movimentos socioterritoriais urbanos, observando a capacidade dos sujeitos ocupantes acumularem experiências coletivas e contra-hegemônicas, que possibilitem processos de formação política mais amplos, de modo que o processo de luta pela moradia não se findeno acesso a terras urbanas e na regularização fundiária dos terrenos, mas que possibilite impulsionar a luta para além de experiências isoladas (FERNANDES, 2000).Nesse sentido é necessário observar o processo formativo dos quadros de lideranças da comunidade com a intensão de compreender os processos já existentes na comunidade Eliana Silva, mediadas pelo projeto político do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas centralizado pelo Partido Comunista Revolucionário.

Ele ainda permitirá uma análisedos movimentos socioterritoriais que possibilitará ferramentas e caminhos para analisar suas práticas, sua atividade política e de formação de seus militantesde maneira a impulsionar a luta para processos de caráter mais classista, visando alcançar soluções essenciais (MÉSZÁROS, 2005).

Por fim, destacamos a importância de preencher uma lacuna nas pesquisas acadêmicas, uma vez que são poucos os trabalhos a discutiremtal questão (OLIVEIRA

[2] Ambos autores trabalhama discussão entre a consciência de classe e a consciência cidadã.

JÚNIOR, 2004; BEZERRA, 2006)[3]. Este artigo visa aproximar ainda mais a universidade dessa discussão e busca contribuir com apoio técnico, político e científico para os movimentos sociais, tanto pelo potencial acadêmico quepossui quanto por acreditar,entender e respeitar a legitimidade da luta social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De início, observamos a cidade expressa em sua forma física, ou seja, como o maior empreendimento construído pelo homem, como um contínuo espaço transformado. Mas, para além disso, a cidade "é um objeto espacial que ocupa um lugar em uma situação" (LÉFÈBVRE, 1972, p. 65), ou ainda, é "a projeção da sociedade sobre um local" (LÉFÈBVRE, 2001, p. 56). Todavia, no urbano, se estabelecem diferentes redes e relações sociais, que hoje se apresentam como a maior expressão do capital, pois"o urbano é a simultaneidade, é a forma social que se afirma."(MARTINS, 1996).Esse fato remete à produção e à reprodução de contradições que possuem como condição a desigualdade social. "Embora a cidade tenha derrubado as rígidas linhas de casta da sociedade pré-industrial, aguçou e diferenciou grupos de rendas e status" (WIRTH, 1967, p.109), pois com o intenso processo de industrialização ocorrido a partir do século XVIII, as cidades passam por sucessivos processos de transformação (LÉFÈBVRE, 1972).

As relações na cidade industrial são pautadas por relações mercantis, coordenadas pelas ações do capital, poisna "cidade industrial a forma mercadoria e seu conteúdo, o valor de troca, conduziram-na a uma condição intercambiável – desde os lotes de terra perpassando pelos encontros, reuniões trocas, etc., o que vigora é o contrato de compra e venda"(ARAÚJO, 2012, p. 138). Por consequência, a cidade industrial é um espaço de segregação social provocada pelas contradições da ena cidade, pois ela se apresenta diante do processo também como sujeito, uma vez que o espaço produzido não é somente acúmulo, mas também tendência, ou seja, a cidade não é apenas condicionada, mas também condicionante. Sendo assim, "na cidade esta dimensão qualitativa do urbano está presente nas crises – da habitação, da segregação de toda a ordem, do centro e das periferias, da violência [...]" (ARAÚJO, 2012, p. 136).

Destaca-se a importância de pensarmos quais os elementos que integram o processo de manutenção da cidade dentro da lógica capitalista.Nesse sentido, podemos elencar inúmeros fatores presentes na dinâmica social que contribuem com essa manutenção, como o

[3](OLIVEIRA JÚNIOR, 2004 eBEZERRA, 2006).Esses autores trabalham o processo formativo nos movimentos de luta pela moradia.

Estado, o transporte, a educação, a habitação entre outros. Tal processo coloca a cidade como um espaço de segregação socioespacial, através dos programas de requalificação do espaço que causam as expulsões das famílias pobres para as suas regiões mais periféricas (da cidade), como resultado das contradições impostas pelo capitalismo.

A metrópole[4] de Belo Horizonte expressa tais contradições desde sua gênese, podendo ser destacados os processos de remoções de famílias dos espaços ocupados ocorridos durante a história belorizontina (AFONSO; AZEVEDO, 1987; SOMARRIBA; VALADARES; AFONSO, 1984), uma vez que para a instalação da cidade planejada foi realizada a desapropriação da toda a Vila Curral Del Rei[5], seguidas de inúmeras outras remoções que se realizam até os dias de hoje(CARDOSO, 2003).

Diante da produção e manutenção das contradições (condição para o capital), os movimentos populares encampam lutas em busca da garantia dos direitos e pela justiça social. Nesse sentido, eles atuam na organização de grupos sociais excluídos, que também produzem a cidade (CORRÊA, 1989), da ordem da cidade capitalista, segregados socialmente e espacialmente do espaço urbano (FERNANDES, 2000).“Todos eles emergem a partir de determinadas condições sociais de existência que lhe dão substância.” (GONÇALVES, 2001, p.18). Sendo assim, as lutas sociais se iniciam por necessidades reais, demandas concretas de sujeitos sociais expropriados de terras e trabalho e, durante o processo, vão adquirindo apoios de outros grupos políticos.

Podemos, então, entender as atuações nos movimentos populares através dorecorte dos conflitos produzidos e dos conflitos induzidos (LÉFÈBVRE,2001). Esses primeiros são os responsáveis concretos da luta social, os que atingem os sujeitos que sofrem de forma mais direta as contradições do capital, ou seja, as famílias sem teto na luta pela moradia, os trabalhadores de diferentes categorias nas lutas sindicais, oscamponesesna luta pela reforma agrária entre outros. Já os últimos são compostos por sujeitos que ainda se indignam com as contradições sofridas pelos sujeitos produzidos e que se unem à luta, como apoiadores de diferentes setores e categorias.

Também podemos entender esses processos de luta na capital mineira por outro recorte: o do instituído e do instituinte, em que “o instituinte é o processo produtivo desejante, de característica dinâmica enquanto o instituído é o resultado desse processo e que tem uma característica estática e estável” (BAREMBLITT, 1996 p. 157) e,ainda, “por suas naturezas o

[4] Conceito trabalhado em “*Belo Horizonte:*a cidade planejada e a metrópole em construção. ” (MONTE-MÓR, 1994).
[5] A Vila Curral Del Rei correspondia à atual região da cidade planejada de Belo Horizonte.

instituído tem uma disposição a não mudar e o instituinte aparece como uma atividade revolucionária, criativa e transformadora[...].” (BAREMBLITT, 1996 p. 157). De forma mais objetiva,entendemos a luta entre o instituído e o instituinte como a disputa entre os projetos da cidade capitalista e os projetos dos movimentos populares organizados. Tais projetos se tencionam no cotidiano,exercendo influência na formação política dos sujeitos envolvidos no processo, como a vivência no urbano e a vivência na comunidade, que se conflitam quando se deparam em relações como as questões de gênero, juventude, periferia, trabalho, transporte, moradia, saúde e educação.

No processo de luta, as famílias ocupantes participaram e ainda participam de diversos espaços e vivências propostas pelo MLB e sua rede de apoio que promove a formação política, crítica e anticapitalista. O objetivo é possibilitar experiências para a formação de uma consciência coletivacombativa e autônoma.Na concepção marxiana, um homem só pode ser considerado autônomo quando “é senhor de si mesmo, quando deve a si seu modo de existência. Se, ao contrário, considera-se dependente, não só no que tange à sua própria manutenção, mas na fonte de sua vida, a última, por não ser sua própria criação, fundamenta-se fora dele, aliena-se.” (MARX, 1978, p. 14).

Os espaços e vivências daena comunidade Eliana Silva carregam intencionalmente em si valores, princípios e utopiasprovenientes de um projeto de uma sociedade socialista proveniente do projeto político do MLB. O envolvimento dos sujeitos ocupantes nesses espaços e vivências caracteriza um processo educativo, pois ocorrem processos de interações intencionais em que quem educa é o outro em situações coletivas, segundo as diretrizes do MLB. Destacam-se ainda os momentos de maior interação dos sujeitos ocupantes com a direção do movimentocomo na iminência de uma ação de reintegração de posse. Durante todos esses processos alguns sujeitos apresentam uma maior organicidade possibilitando uma formação mais ampla que sobre questões referentes a tomada da consciência de classe e as necessidades da transformação social por meio da superação da ordem do capital.

Segundo Gohn (2010), desse processo se espera como resultado a consciência e a organização de como agir em grupos coletivos, a construção e a reconstrução de concepções de mundo e sobre o mundo, a contribuição de um sentimento de identidade com uma dada comunidade, a formação do indivíduo para as suas adversidades e a formação de saberes a partir de sua própria prática e o desenvolvimento e acúmulo político do grupo. No entanto, pelo fato de os sujeitos ocupantes vivenciarem tanto o instituído quanto o instituinte, esse processo apresenta limites, pois não acontece de maneira pura, livre de contradições, ou seja, o processo educativo não ocorre como substância.

Aprofundando-nos no processo de formação política, faz-se importante pensar as bases ontológicas (LUKÁCS, 1978; LUKÁCS, 1979; MARX 1978) que perpassam o MLB, que dizem respeito à produção e à reprodução social do conhecimento, pois tais bases se desdobram em consequências na prática de formação no interior da comunidade, uma vez que as apreensões da realidade e das categorias sociais por meio das doutrinas idealistas e materialistas (LÉFÈBVRE, 1991) se fazem por métodos diferentes. "Como, porém, não se trata apenas de uma questão teórica, mas também prática, os resultados, para a luta social, são extremamente danosos, pois sempre desembocam ou no voluntarismo ou no reformismo" (TONET 2012)

Tais métodos nos remetem ao processo de formação dos sujeitos ocupantes (elaboração da consciência). Diante disso, destaca-se "que Marx entendia a consciência como um produto tardio do desenvolvimento do ser material" (LUKÁCS, 1978, p. 3) e que essa "consciência reflete a realidade e, sobre essa base, torna possível intervir nessa realidade para modificá-la." (LUKÁCS, 1978, p. 3).

A luta dos movimentos socioterritoriais traz na contemporaneidade um grande desafio, pois além do processo de entrada e permanência na terra, ela carrega consigo o objetivo da tomada de consciência de classe. Devido aos avanços das estratégias do capital, que se objetivam na economia política do espaço, ocorreu a apassivamento da classe trabalhadoraalienada dos processos e produtos do trabalho[6]e por consequência o recuo da consciência de classe (IASI, 2006)

Iasi (2013) afirma que para entendermos tal contradição se faz necessário compreendermos a categoria ideologia. Para tanto recorremos a Marx e Engels em sua obra a Ideologia Alemã[7] onde afirmam que a classe dominante além de deter os meios de produção controla também o processo de produção e disseminação do conhecimento. Gramsci(1999), ao tratar de tal questão apresenta a categoria consciência burguesa e Lukács (1974) expõe a categoria consciência reificada para tal.

> A consciência só pode se originar e se desenvolver como expressão de relações que constituem o fundamento da sociabilidade humana, isto é, ela não é uma força que se impõe ao humano como a ideia hegeliana ou sua expressão no Espírito objetivo ou no Espírito Absoluto. Assim, não nos espanta que a forma imediata da consciência da classe trabalhadora seja a expressão da mesma consciência da burguesia. (IASI, p. 71 2006)

[6]Ver em MARX, Karl (2013). *Processo de Trabalho e Processo de Valorização.*

[7] Ver em MARX, Karl; ENGELS, F (2013). *A ideologia Alemã. São Paulo*

Embora a classe trabalhadora tenha suas relações humanas na realidade objetiva, ou seja, na sociabilidade do capital, é importante destacar que a sociedade é dividida entre os proprietários dos meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho em que se produz a mais valia. E nesse antagonismo que está a real possibilidade da tomada da consciência de classe, “no movimento que a leva da alienação inicial à rebeldia, a constituição das lutas imediatas, da possibilidade de constituição de um sujeito histórico.” (IASI, p. 74 2006)

3 METODOLOGIA

Esta proposta depesquisaserá abordada pelo referencial metodológico marxista através da dialética histórica materialista, utilizando o método quanti-qualitativo proposto por Lefebvre.

Segundo Prates (2012), a perspectiva dialética consiste em, antes de tudo, ver a vida como um movimento permanente, como um processo de provisoriedade, o que precisa ser contemplado na análise das formas e dos fenômenos sociais, de modo a superar uma visão estagnada de estados à medida que se reconhece o movimento, o devir, que será novamente negado para que o próprio movimento siga seu curso.

O estudo quanti-qualitativo apresenta-se como uma ferramenta paracompreensãoda realidade e não deve ser aceito como uma relação dicotômica.

Nesse sentido:

> Tão somente a quantidade permite que nosso mundo qualitativo tenha uma estrutura definida, sem deixar de ser qualitativo. No devir, a qualidade dura, se prolonga, se repete, conserva-se a mesma no curso, de um crescimento quantitativo gradual [...] por seguinte, a quantidade introduz a continuidade concreta, a gradualidade. Mas introduz também a descontinuidade. O ser qualitativo considerado em sua relação com a quantidade, manifesta-se como uma unidade concreta, a unidade de vários instantes sucessivos, durante os quais a realidade não se modifica. (LEFEBRE, 1991, p. 211)

Prates (2012) aponta que “os chamados estudos quanti-qualitativos, mistos ou multimetodológicos se constituem na articulação de ambos os tipos de dados”.

E ainda:

> Entendemos que a caracterização de uma pesquisa quanti-qualitativa ou mista difere dos estudos classificados como quantitativos e qualitativos, e não só pode, como deve, valer-se de característica de ambos, mesmo que enfatize um ou outro, conformando-se com outro tipo de estudo, com particularidades que emanam de ambos. Exatamente por enfatizar a articulação de dados dos dois tipos, são mais coerentes com o método marxiano de investigação, que ressalta a relação como necessária(PRATES, 2012, p. 6).

A abordagem quanti-qualitativa dentro de referencial marxista não se trata de entender o sujeito como passivo e receptivo como entendemos positivistas, mas sim da compreensão que tais formas e conteúdo são indissociáveis, mas se necessitam num perpetua interação regidos pela categoria dialética.

Importante destacar que o método materialista histórico dialético não e restringe à interpretação e compreensão da lógica do capital explicitado na obra tardia de Marx, mas de uma maneira de apreensão da realidade objetiva no qual a ontologia precede a epistemologia rompendo assim com qualquer forma especulativa do real. Dessa forma, para se entender a vida e o mundo parte-se da vida e do mundo e não dos conceitos sobre a vida e o mundo. Pois as categorias são apreendidas no mundo social e historicamente construídos e não da elaboração do pensamento do ser social.

A coleta de dados será realizada a partir dos seguintes métodos de pesquisatrabalhados em Marconi e Lakatos(2012), Laville e Dionne (1999), Brasileiro e Souza(2007) e Japiassu, (1978).

Por fim, análise dos dados coletados. Esse momento da pesquisa tem como objetivo organizar e interpretar os dados de tal formaque possibilitem o fornecimento de respostas ao problema propostopara investigação. Destaca-se que nesse momento não nos cabe realizar nenhuma generalização sobre o processo de formação de quadros de lideranças nas ocupações urbanas, tendo e vista a particularidade e a singularidade dos projetos políticos e das formas de atuação de cada movimento.

4. CONSIDERAÇÕES FIANIS

Por fim, análise dos dados coletados. Esse momento da pesquisa tem como objetivo organizar e interpretar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Destaca-se que nesse momento não nos cabe realizar nenhuma generalização sobre o processo de formação de quadros de lideranças nas ocupações urbanas, tendo e vista a particularidade e a singularidade dos projetos políticos e das formas de atuação de cada movimento.

REFERÊNCIA

AFONSO, Maria Rezende; AZEVEDO, Sérgio de. Cidade, poder público e movimento de favelados. In: POPERMAYER, Malori José (Org.). *Movimentos sociais em Minas Gerais.* Belo Horizonte: UFMG, 1987, p.111-141.

ARAÚJO, James Amorim. Sobre a cidade e o urbano em Henry Léfèbvre. *GEOUSP – Espaço e Tempo,* São Paulo, n. 31, p. 133 – 142, 2012.

BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional.* 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

BEZERRA, Miriam Regina de Sousa. *O movimento de luta pela moradia no bairro Capitão Eduardo:* processos educativos regatados pelas lembranças de seus primeiros moradores. 2006. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias; SOUZA, Viviane Pereira de. *Estilo e método:* produção de trabalhos científicos. Ipatinga: Damasceno, 2007.

CAMPOS, Rogério Cunha. Que cidadãos, para qual cidadania? – as interpelações dos movimentos sociais. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 04, p. 357-376, dez., 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982012000400015 &script=sci_arttext.>. Acesso em: 03 jul. 2014.

CARDOSO, Leandro. Belo Horizonte: gênese e desenvolvimento. "*transporte alternativo: risco e possibilidades; reflexões sobre o caso de Belo Horizonte"*. 2003, 163f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências – Universidade Federal de Minas Gerais, FMG, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento social com categoria geográfica. *Revista Terra Livre*, São Paulo, n.15, p. 59-85, 2000.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 1v.)

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des) caminhos do meio ambiente.* 8. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

IASI, Mauro Luis. (2006). As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber:* manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LÉFÈBVRE, Henri. *Espacio y política*: el direcho a la ciudad, II. Barcelona: Ediciones península, 1972.

LÉFÈBVRE, Henri. *Lógica forma, lógica dialética.* 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LÉFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade.* Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LUKÁCS, George. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem.* Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978.

LUKÁCS, Georg. História e consciência de classe. Porto: Escorpião, 1974.

LUCKÁCS, George. *Ontologia do ser social:* os princípios ontológicos fundamentais Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979, p. 207- 245.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnica de pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. 151 p.

MARX, Karl; ENGELS, F. A ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2007

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos.* III: Manuscrito. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MARX, Karl. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro I, Vol. 1. São Paulo: Boitempo, 2013

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005. 128 p.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (Coord.). *Belo Horizonte*: espaços e tempos em construção. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994

OLIVEIRA JUNIOR, José Pereira. *Processos educativos, força identitária e mobilização comunitária na luta pela moradia no Candeal Pequeno*: programa tá rebocado. 2004. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador. 2004.

PRATES, Jane Cruz. O método marxista de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. *Revista Textos e Contextos*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 11, n. 1, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/11647>. Acesso em: 25 jun. 2014.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização:* do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 132-134.

SOMARRIBA, Maria das Mercês G.; VALADARES, Maria Gezica; AFONSO, Mariza Rezende. *Lutas urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984.

TONET, Ivo. Educação e ontologia marxiana in: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 135-145, abril 2011 - ISSN: 1676-2584 Disponível em www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art10_41e.pdf. Acessado em 10 de novembro de 2012

TRILLA, Juane. El sistema de educación no formal: definición, conceptos básicos y âmbitos de aplicación. In: SARRAMONA, J (Org.). *La educacion no formal*. Barcelona: Ceac, 1992. p. 9-50.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *0 fenômeno urbano.* Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p.97-122.